

Algumas áreas problemáticas para a normalização linguística – disparidades entre o uso e os instrumentos de normalização

Telmo Mória
Universidade de Lisboa

0. Introdução

Entre os critérios fundamentais para a definição da norma da variante padrão do português europeu, é costume referir: (i) a comunidade de suporte, nomeadamente os estratos mais escolarizados da população; (ii) o património escrito (onde se destacam os textos literários e os textos oficiais); (iii) os instrumentos de normalização linguística, particularmente gramáticas e dicionários, mas também instrumentos de divulgação feitos a partir deles (prontuários, guias da língua, manuais de estilo, etc.); (iv) considerações de carácter técnico sobre as estruturas linguísticas problemáticas. Entretanto, quando se tenta definir a norma mediante aplicação simultânea dos critérios referidos, surgem com frequência algumas dificuldades. Três situações – que explorarei com algum pormenor – são especialmente relevantes: (i) contradição entre o uso mais ou menos generalizado pela comunidade de suporte e as determinações das gramáticas e dicionários (cf. desactualização dos instrumentos de normalização linguística e seus efeitos nocivos, por exemplo, ao nível do ensino); (ii) contradição entre diferentes gramáticas e/ou dicionários; (iii) conflito entre a norma imposta pelas gramáticas e a regularidade do sistema gramatical, em produções de frequência muito baixa.

A análise de estruturas linguísticas que será feita neste texto concentra-se em aspectos de natureza morfológica, lexical e semântica: questões de flexão em número, na secção 1; o uso de participios (ir)regulares, na secção 2; trocas entre parónimos ou palavras homófonas, envolvendo questões de propriedade lexical e/ou de mera ortografia, na secção 3. Além de ilustrarem as contradições e conflitos mencionados acima, estas áreas problemáticas colocam algumas questões de carácter geral: (i) o problema da delimitação da fronteira entre *inovação linguística*, integrada no sistema, e *desvio linguístico*, com diferentes graus de força (cf. Peres 1996); (ii) o problema da *unicidade vs. multiplicidade da norma* (isto é, da integração ou não no sistema – como variantes livres eventualmente sujeitas a preferências estilísticas – de diferentes estruturas em competição). Adicionalmente, as estruturas analisadas evidenciam alguma *desadequação dos instrumentos de normalização linguística*, o que é especialmente relevante, dado o impacto que esses instrumentos têm no ensino e, portanto, a sua capacidade de influenciar um sector amplo da comunidade de suporte. Como sabemos, alguns materiais – e.g. o Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa ou a Gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra – são muitas vezes invocados como argumentos de

autoridade inquestionável, em casos de disputa. Ora, acontece que os textos em causa, umas vezes, simplificam artificialmente as questões controversas, não deixando transparecer o estatuto discutível das normas adoptadas e, outras vezes, fazem generalizações abusivas que não resistem ao confronto com os factos linguísticos reais.

1. Flexão em número

A primeira área escolhida para ilustrar as dificuldades da fixação de uma norma – a flexão em número – pode parecer surpreendente. Com efeito, trata-se de uma área fortemente “normativizada”, com praticamente todas as gramáticas tradicionais a dedicarem-lhe uma secção extensa, geralmente com regras bastante assertivas. Adicionalmente, os dicionários de referência quase sempre incluem referência às formas plurais nos casos mais irregulares. Ainda assim, subsistem problemas.

1.1. Plural das palavras terminadas em -x

Em primeiro lugar, destaca-se, como questão especialmente sensível, o plural das palavras terminadas em -x. A maior parte das gramáticas limita-se a indicar, como regra genérica, que estas palavras são invariáveis em número – cf. (1) –, embora algumas refiram que, em certos casos, se pode, ou deve, fazer o plural em *-ces* – cf. (2).

- (1) “Como os paroxítonos terminados em *-s*, os poucos substantivos terminados em *-x* são invariáveis: *o tórax – os tórax, o ónix – os ónix.*” (Cunha e Cintra 1984: 185).
- (2) “Os [nomes] terminados em *-x* com o valor de *ce* (final com que podem também ser grafados) fazem o plural normalmente em *-ces*: *cálix* (ou *cálice*), *cálices*; *apêndix* (ou *apêndice*), *apêndices*.”; “[Os nomes terminados em *-x* com o valor de *cs*] não possuem marca de número (...). A pluralidade é marcada pelos adjuntos (artigo, adjectivo, pronome, numeral) (...). (...): *o tórax, os tórax; o ónix, os ónix.*”; “Alguns nomes com *x = cs* possuem a variante em *ce*: *índex* ou *índice*, *ápex* ou *ápice*, *códex* ou *códice*. Seus plurais são respectivamente *índices*, *códices*, *ápices*.” (Bechara 1999: 122-123)

Ora, a situação é bem mais complexa, como se torna evidente ao comparar diferentes dicionários. Aliás, a consulta destes instrumentos de normalização é, no mínimo, fonte de perplexidade para o falante com dúvidas, pois – literalmente – parece não haver dois dicionários que coincidam! Esta situação é patente no quadro que se segue, onde ocorrem cinco palavras paroxítonas e quatro oxítonas, com as indicações dos respectivos plurais em quatro dos principais dicionários de referência do português: ACADEMIA, PORTO EDITORA, AURÉLIO e HOUAISS (cf. referências completas no fim do artigo). Deve notar-se que: (i) a indicação «??» significa que o plural não é indicado no dicionário; nestes casos, a unidade lexical não recebe a etiqueta que identifica os nomes com forma idêntica no singular e no plural (e.g. *s.m.2núm*, no dicionário PORTO

EDITORA, *s.m.sg. e pl.*, no dicionário ACADEMIA), donde se poderia deduzir que o plural – que não é apresentado – é distinto do singular; (ii) a indicação «[?] [?]» significa que a unidade lexical em questão não está registada no dicionário.

	SINGULAR	PLURAL			
		ACADEMIA	PORTO EDITORA	AURÉLIO	HOUAISS
formas paroxítonas	<i>ónix</i>	ónix	ónix	ónix	ónix
	<i>tórax</i>	tórax	tórax	tórax	tóraces
	<i>sílex</i>	sílex	sílex	sílices	sílices
	<i>córtex</i>	córtex	córtices	córtices	córtices
	<i>clímax</i>	clímax	??	??	clímaces
formas oxítonas	<i>pirex</i>	pirex	??	? ?	pirex
	<i>telex</i>	??	??	??	telex
	<i>lux</i>	lux	??	??	lux ou luxes
	<i>fax</i>	??	??	? ?	fax ou faxes

Quadro 1. Plural de palavras terminadas em -x em diferentes dicionários¹

No que respeita às palavras paroxítonas, os cinco exemplos escolhidos mostram cinco tratamentos distintos, com maior ou menor preferência pela invariabilidade (*vs.* pela formação do plural com *-ces*). No que respeita às palavras oxítonas, que as gramáticas não identificam como caso especial² (veja-se por exemplo a “regra” de Cunha e Cintra, em (1)), a situação ainda é mais complexa. O dicionário PORTO EDITORA, por exemplo, não aplica a nenhum dos quatro nomes oxítonos do Quadro 1 a etiqueta substantivo de dois números (*s.m.2núm*) com que caracteriza, por exemplo, nomes como *ónix*, donde se poderá deduzir que assume que o plural não é idêntico; todavia, nunca explicita esse plural (o mesmo acontecendo, aliás, com o paroxítono *clímax*). O dicionário ACADEMIA procede de modo semelhante com *fax* e *telex*: não coloca a etiqueta *s.m.sg. e pl.* e não explicita a forma plural. Já com *pirex*, verifica-se uma situação curiosa, e porventura sintomática: no dicionário ACADEMIA, é-lhe atribuída a etiqueta que indica que a forma coincide no singular e no plural, mas logo a seguir dá-se a seguinte abonação (do lexicógrafo):

(3) Pôr os pirexes na mesa. (Dicionário ACADEMIA, p. 2867)

Além da falta de coincidência entre dicionários, são ainda de salientar os seguintes dois factos. Em primeiro lugar, os dicionários, em especial o HOUAISS, recomendam (ou

¹ Ignoro aqui a existência de variantes para as formas singulares apresentadas: (i) variante *torace* (sic), no PORTO EDITORA; (ii) variante *clímace*, no AURÉLIO (considerada desusada) e no HOUAISS (considerada obsoleta); (iii) variantes *sílice* e *córtice*, nos quatro dicionários (consideradas pouco usadas, no ACADEMIA); (iv) variante paroxítona *pirex* nos dicionários ACADEMIA, PORTO EDITORA e HOUAISS; (v) variante dissilábica *faxe* nos dicionários ACADEMIA e PORTO EDITORA (no primeiro dos quais, encabeça o verbete principal).

² Trata-se, geralmente, de palavras de entrada recente na língua, implicando um padrão silábico pouco comum: *fax*, *telex*, *duplex*, *pirex*, *latex*, *inox* (ou ainda marcas como *xanax*, *atarax*, *xerox*, etc.).

melhor, estipulam) formas plurais artificiais, que não encontram base de sustentação no uso. Estão nesta situação muitas formas terminadas em *-ces* de frequência praticamente nula (cf. dados do *corpus* CETEMPúblico) – e.g. *clímaces*, *fénices* ou *látices*. O seu registo – sem qualquer menção especial – só evidencia o divórcio entre os dicionários e o uso linguístico comum ou seja, a desatualização destes instrumentos de normalização.

Em segundo lugar, está tacitamente banida a estratégia de fazer o plural com simples adição de *-es*: as gramáticas não referem esta possibilidade e nos dicionários os únicos casos sancionados que encontrei foram os dos monossílabos *fax* e *lux*, para os quais o dicionário HOUAISS admite (sem justificação ou comentário) as formas plurais alternativas *faxes* e *luxes*. Ora, no caso das palavras oxítonas, esta parece ser a estratégia geral usada pelos falantes (ver exemplos em (4)) – e.g. (i) das 105 ocorrências de *telex* no plural, no *corpus* CETEMPúblico, 93 % (98) têm a forma *telexes* e só 7 % (7) têm a forma *telex*; (ii) há raríssimos exemplos de *fax* como plural, mas há 537 ocorrências de *faxes* (NB: a variante gráfica singular *faxe* é muito rara). No caso das palavras paroxítonas, o uso é pouco esclarecedor, já que a maior parte das palavras tem uma frequência baixíssima de uso no plural – e.g. *tórax*, *fénix*, *ónix* e *látex* praticamente não aparecem no plural no *corpus* CETEMPúblico. Nesse *corpus*, a única exceção é curiosamente muito sintomática: *clímax* ocorre 29 vezes no plural, todas elas com a forma (não reconhecida) *clímaxes* – cf. (5).

- (4) a. “Aceitou a minha palavra, mas disse que não era preciso mandar-lhe os telexes.” (CETEMPúblico, Ext 173597 (nd, 97b))
- b. “Para pedir autorização para assistir foi necessário enviar faxes para Londres (...)” (CETEMPúblico, Ext 2492 (clt, 97b))
- c. “(...) o empreendedor (...) projectou a construção de vários imóveis para exploração hoteleira, entre os quais surgiam unidades com 135 quartos (...), 46 «bungalows» duplexes, salas de congressos, dois restaurantes (...) e um estacionamento coberto para 100 viaturas.” (CETEMPúblico, Ext 278555 (soc, 98b))
- (5) “O casal que se agride ou se desencontra na procura de afectos assume-se nesta peça numa cadeia de clímaxes, num jogo de espelhos em que as personagens se individualizam e se duplicam em avanços e recuos (...)” (CETEMPúblico, Ext 276097 (clt, 97b))

Em suma, estamos perante uma área problemática em que os instrumentos de referência não são esclarecedores, em que há um desencontro acentuado entre o uso e as estipulações dos instrumentos de referência e em que subsiste um forte oscilação no uso, parecendo verificar-se uma tendência para uma *dupla norma* – a “norma consagrada”, de invariabilidade, e a “norma emergente”, de adição de *-es* (em especial nas palavras oxítonas, possivelmente por analogia com os plurais das palavras terminadas em *-s*).

1.2. Plurais com deslocação do acento

Uma segunda zona problemática, dentro da flexão em número, envolve os chamados plurais com deslocação do acento. Há três ou quatro casos mais conhecidos, em que – a julgar pelos dados do *corpus* CETEMPúblico (abaixo, entre parênteses) – o fenómeno da deslocação do acento ainda apresenta alguma vitalidade na língua, pelo menos na língua escrita³.

(6)	a.	carac <u>te</u> res (1141)	vs.	cará <u>ct</u> eres (10)	[0,1%]	
	b.	junio <u>re</u> s (2026)	vs.	jú <u>ni</u> ores (103)	[5 %]	[sobresdrúxula]
	c.	senio <u>re</u> s (734)	vs.	sé <u>ni</u> ores (35)	[5 %]	[sobresdrúxula]
	d.	espec <u>í</u> menes (5)	vs.	esp <u>é</u> cimenes (4)	[44 %]	[sobresdrúxula]

A análise destes quatro substantivos, evidencia uma competição entre a estratégia (irregular) de deslocação de acento e a estratégia (regular) de manutenção da sílaba tónica, característica da generalidade dos pares singular-plural em português. É de notar que nos três últimos exemplos, a estratégia regular conduz à formação de *substantivos sobresdrúxulos* – i.e. acentuados na pré-antepenúltima sílaba – que o Acordo Ortográfico não prevê e que, tanto quanto sei, nenhum dicionário reconhece nos seus registos.

Além destes quatro casos, há mais alguns a considerar, envolvendo plurais de muito baixa frequência. Convém distinguir dois tipos. Num primeiro tipo, é possível encontrar ainda textos que estipulam a deslocação de acento⁴, mas tal prática parece ter caído em desuso e a generalidade dos dicionários e gramáticas de referência actuais já não contemplam essa hipótese. Estão nesta situação os dois exemplos de (7) (que não envolvem sobresdrúxulas). Podemos considerar que estes casos não são problemáticos e que a norma se estabilizou na forma plural regular sem deslocação do acento.

(7)	a.	esfin <u>ct</u> eres	vs.	enf <u>ín</u> cteres
	b.	soro <u>re</u> s	vs.	só <u>ro</u> res

Um segundo tipo, ilustrado em (8), é mais problemático. Trata-se de palavras proparoxítonas terminadas em *-r* ou *-n*, em que a não deslocação do acento no plural gera substantivos sobresdrúxulos (semelhantes a *espécimenes*, *júniore*s e *sénio*res).

(8)	a.	jup <u>í</u> teres	vs.	júp <u>it</u> eres	[sobresdrúxula]
	b.	luc <u>í</u> feres	vs.	lúc <u>í</u> feres	[sobresdrúxula]
	c.	ips <u>í</u> lones	vs.	íp <u>í</u> lones	[sobresdrúxula]
	d.	lex <u>í</u> cones	vs.	l <u>é</u> xicones	[sobresdrúxula]

³ Penso que estes dados não legitimam qualquer inferência sobre a situação na oralidade, dado o efeito não despidendo dos correctores ortográficos.

⁴ Pires de Castro (s/d: 101) estipula a deslocação do acento no plural nos dois casos de (7); Bechara (199: 124) estipula essa deslocação para o caso (7b).

Os dicionários e gramáticas oscilam entre simplesmente não explicitar o plural destes substantivos (o que acontece frequentemente) e estipular as formas com deslocação de acento. O dicionário ACADEMIA, por exemplo, aplica a estratégia da deslocação do acento de modo sistemático, registando formas como *ipsílones*, *lexícones* e *júpiteres*. Ora, o problema é que estas formas são de facto desusadas e mesmo os falantes mais cultos não as reconhecem geralmente⁵.

Estas expressões colocam, adicionalmente, o problema da baixíssima frequência de uso, que dificulta a determinação da forma mais comum entre os falantes. Em todo o caso, algumas formas começam a difundir-se, constituindo a sua pluralização uma zona de desvio linguístico por excelência. Por exemplo: (i) *júpiter*, como nome comum, significa planeta gasoso que orbita uma qualquer estrela (numa fase em que a astronomia está preparada para descobrir este tipo de astros; repare-se como em (9a), o tradutor optou – contra as regras morfológicas básicas do português – pela invariabilidade desta unidade lexical; (ii) *ípsilon* aparece, por vezes, como nome comum que designa o cromossoma específico do sexo masculino; em (9b), a palavra é usada no plural, com o seu sentido primário de letra do alfabeto, mas o jornalista usou a regra brasileira de pluralização (que permite suprimir uma sílaba): *ípsilons* (cf., no português brasileiro, *dolmens*, *hifens*, *mórmons*).

- (9) a. “Os grandes Júpiter próximos das estrelas dão antes a impressão de se aparentar a estrelas duplas, umas das quais não teria atingido a massa crítica para acender o fogo nuclear.” (*A Mais Bela História da Terra*, trad. do francês, Ed. Asa, Porto, 2001, p. 64)
- b. “Os pontinhos em forma de seta e de ípsilons vão desaparecer todos.” (CETEMPúblico, Ext 55088 (clt-soc, 95a))

Claramente, parece estar a afirmar-se na língua uma tendência para a pluralização regular das palavras esdrúxulas terminadas em *-n* e *-r* – i.e., a adição de *-es* sem deslocação de acento, criando substantivos sobresdrúxulos. As 152 ocorrências no *corpus* CETEMPúblico dos substantivos de (6) – uma dela transcrita em (10a) – são disso exemplo. O caso (10b) é bastante curioso: o próprio dicionário ACADEMIA – que sistematicamente propõe a deslocação do acento e promove aportuguesamentos gráficos que visam evitar a formação de palavras sobresdrúxulas (e.g. *holígane* ou *gângster*, com *-g.s-*) – apresenta numa abonação (do lexicógrafo) *gângsteres* (com *-gues-*).

- (10) a. “Entre os espécimenes biológicos que serão utilizados contam-se bichos-de-conta, drosófilas, ovos de rã, minúsculos camarões e tecido vivo de embriões de rato.” (CETEMPúblico, Ext 775950 (nd, 92a))
- b. A vida dos gângsteres foi amplamente retratada pelo cinema americano. (dicionário ACADEMIA, p. 1865, verbete *gângster* [sic])

⁵ Fiz um teste a várias dezenas de alunos universitários, perguntando-lhes qual o plural da palavra *ípsilon*. Nenhum deles produziu *ipsílones*; a generalidade das respostas foi a forma sobresdrúxula *ípsilones*.

Convém salientar que a estratégia de não deslocação do acento neste tipo de substantivos, criando formas como *júniiores*, *sénioeres*, *júpiteres*, *espécimenes* ou *ípsilones*, parece apresentar algumas vantagens, na perspectiva da normalização linguística. Em primeiro lugar, evita a estipulação artificial de formas que os falantes não reconhecem, impedindo o divórcio entre uso e instrumentos de normalização linguística (cf. e.g. *ipsílones*); em segundo lugar, permite dar resposta a alguns desafios que o aportuguesamento de palavras inglesas (e algumas latinas) coloca ao sistema ortográfico do português. Se admitisse a existência de substantivos sobresdrúxulos (e os integrasse plenamente numa próxima revisão do Acordo Ortográfico), o sistema ortográfico português ficaria dotado de instrumentos indispensáveis para legitimar as seguintes adaptações gráficas, de substantivos plurais – (11a) – e/ou singulares – (11b-c)⁶:

- (11) a. húliganes (*hooligans*), quéniones (*canyons*), gânguesteres (*gangsters*),...
 b. márquetingue (*marketing*), quêiteringue (*catering*), snórquelingue (*snorkeling*), lóbiingue (*lobbying*),...
 c. déficite (*deficit*), réquieme (*requiem*), hábitate (*habitat*),...

Numa palavra, o reconhecimento do padrão em causa, mesmo com um uso muito restrito, tornaria o sistema ortográfico português mais flexível e adaptado às novas situações emergentes. De outro modo, corre o risco de não dar conta de formas realmente implantadas e, portanto, de se tornar obsoleto.

2. Participípios duplos

A segunda área problemática seleccionada envolve o uso das formas participiais dos chamados verbos de participípio duplo. Como veremos, a análise dos dados linguísticos evidencia uma acentuada desactualização dos instrumentos de normalização nesta área.

Geralmente, as gramáticas, os prontuários ou os livros de estilo apresentam uma regra de aplicação geral, tendo o cuidado (embora nem todos ou nem sempre) de a apresentarem mais como uma tendência de uso que como uma norma impositiva. Vejamos dois exemplos (com sublinhados meus):

- (12) a. “De regra, a forma regular emprega-se na constituição dos tempos compostos da VOZ ACTIVA, isto é, acompanhada dos auxiliares *ter* e *haver*; a irregular usa-se, de preferência, na formação dos tempos VOZ PASSIVA, ou seja acompanhada do auxiliar *ser*.” (Cunha e Cintra 1984: 441).

⁶ Naturalmente, isto não impede que singulares ou plurais com formas esdrúxulas, graves ou agudas sejam posteriormente introduzidos, se a pronúncia vier a tender para estes padrões silábicos mais comuns (cf. e.g. aportuguesamento *sanduíche*, a partir de *sandwich*, ou a oscilação entre hábitate(s) e habituá(s)).

- b. “Somente as formas irregulares se usam como adjectivos e são elas as únicas que se combinam com os verbos *estar, ficar, andar, ir e vir.*” (op. cit.: 442)
- (13) “Nos casos em que se mantêm as duas formas de participio (a regular e a irregular), emprega-se a forma irregular nos tempos compostos com os auxiliares *ser* e *estar* e a forma regular para a formação dos tempos compostos com os auxiliares *ter* e *haver.*” (Estrela e Pinto-Correia 1994: 107)

O problema crucial resulta da aplicação desta regra perante as listas de verbos de participio duplo que ocorrem nessas mesmas gramáticas e prontuários, ou em dicionário de verbos conjugados, por exemplo. Por norma, as listas em causa não dividem os verbos em grupos de comportamento distinto; integram antes listas simples de verbos que possuem as duas formas morfológicas, geralmente acompanhadas da referida regra de aplicação geral (e uma ou duas observações sobre casos excepcionais, como o do verbo *pagar*, cuja forma regular caiu praticamente em desuso). Para ilustrarmos o desajustamento deste procedimento, consideremos alguns exemplos da lista de Cunha e Cintra (1984: 442), apresentados logo a seguir à estipulação transcrita em (12b). Numa mesma lista, sem qualquer observação, temos, entre outros, os cinco exemplos seguintes:

(14) ELEGER	elegido	eleito
EXPRIMIR	exprimido	expresso
INSERIR	inserido	<i>inserto</i>
BENZER	benzido	<i>bento</i>
INCORRER	incorrido	<i>incurso</i>

Ora, como é fácil comprovar, a regra (12b) só tem alguma vitalidade (embora nem todos os falantes a sigam) com os dois primeiros verbos (e, em registos muito conservadores, com o terceiro). A sua aplicação cega levaria, por exemplo, ao absurdo de considerar uma frase como (15) como natural e a correspondente com participio regular (*foi benzido*) como agramatical:

- (15) *O novo edifício *foi bento* pelo padre.

Em geral, os desajustes da aplicação de regras do tipo de (12) ou (13) são tanto mais evidentes quanto mais amplas são as listas de verbos de participio duplo. O *Dicionário de Verbos Portugueses* da Porto Editora, por exemplo, apresenta 162 verbos – mais uma vez, uma lista única por ordem alfabética, sem qualquer menção da existência de subgrupos de verbos com comportamentos distintos. Esta lista inclui inúmeros participios duplos irregulares que praticamente caíram em desuso com verbos como *estar, ficar* ou afins. Eis alguns exemplos:

(16)	ABSOLVER	absolvido	<i>absolto</i>
	AFEIÇOAR	afeiçoado	<i>afecto</i>
	DEMITIR	demitido	<i>demisso</i>
	DILUIR	diluído	<i>diluto</i>
	TINGIR	tingido	<i>tinto</i>

Se aplicássemos a regra (12) ou (13), o resultado seria, uma vez mais, indesejado:

- (17) a. *O réu *foi absolto*.
 b. *As crianças *ficaram afectas* ao animal.
 c. *O senhor *está demisso*!
 d. *O pó já *vem diluto* na água.
 e. *As calças *foram tintas* de azul.

Parece, pois, evidente que nesta área os instrumentos de normalização linguística são ineficazes⁷, podendo esta situação originar problemas no ensino da língua, especialmente a falantes não nativos.

Na realidade, o uso dos participípios (ir)regulares em português europeu padrão actual é bastante mais complexo que o sugerido por generalizações como (12) ou (13). Para começar, convém notar que a oscilação no uso e as dúvidas se colocam essencialmente em dois contextos sintácticos: com *ter* (nos tempos compostos) e com *ser* (expresso ou subentendido) nas estruturas de tipo passivo. São estes os dois casos que realmente importa distinguir e aprofundar. Quanto aos outros, pelos menos alguns devem ser tratados separadamente. Por exemplo, certas formas – classificadas como participípios irregulares e apresentadas nas referidas listas de verbos de participípio duplo –, embora estejam historicamente associadas a participípios verbais, são hoje totalmente independentes enquanto adjectivos. A sua associação a verbos em listas do tipo que mencionámos acima não traz grandes vantagens ao utilizador da língua com dúvidas e pode mesmo induzir no erro de se considerar que estamos perante a mesma unidade lexical verbal (quando, em muitos casos, a diferença semântica é já muito acentuada). É o que acontece, por exemplo, com formas como *afecto*, *tinto* ou *confuso* (relativamente aos verbos *afeiçoar*, *tingir* ou *confundir*, respectivamente).

Cinjamo-nos, pois, aos dois casos referidos: combinação de participípios com *ter* e com *ser*. A questão crucial para a análise é que os verbos de participípio duplo não se comportam todos da mesma maneira, usando o participípio regular num caso e o participípio irregular no outro. Para cada um dos dois contextos relevantes, há uma gradação na tendência para o uso maior ou menor de um dos participípios. E registam-se mesmo tendências contrárias às generalizações das gramáticas: há verbos cujo participípio

⁷ Observe-se a seguinte “não regra” do *Livro de Estilo do Público*: “(...) por regra se considera que a forma regular se utiliza com os auxiliares *ter* e *haver* e a irregular com *ser* e *estar*, bem como com *ficar*, *andar*, *ir*, *vir* — *aceitado*, *aceite*. Nada disto, porém, será muito taxativo, porque as excepções são mais que muitas.” (*Livro de Estilo do Público*, secção Verbos, http://www.publico.pt/nos/livro_estilo/18_verbos.html, sublinhados meus).

irregular tende a impor-se em todos os contextos (mesmo com *ter*) e há verbos cujo participípio regular tende a impor-se em todos os contextos (mesmo com *ser*). Em suma, as acentuadas diferenças de uso (para um mesmo contexto sintáctico) conduzem-nos

grupos de verbos	verbos	<i>ter</i> + PP _{REGULAR} : n.º de ocorrências no CETEMPúblico	<i>ter</i> + PP _{IRREGULAR} : n.º ocorrências no CETEMPúblico
verbos cujo participípio regular não se usa	ESCREVER ABRIR COBRIR DESCOBRIR	<i>ter escrito</i> : 0 <i>ter abrido</i> : 0 <i>ter cobrido</i> : 0 <i>ter descobrido</i> : 0	<i>ter escrito</i> <i>ter aberto</i> <i>ter coberto</i> <i>ter descoberto</i>
verbos cujo participípio regular caiu claramente em desuso ⇒ sequência <i>ter</i> + PP _{REGULAR} sentida como desvio – cf. (18)	PAGAR GASTAR LIMPAR GANHAR	<i>ter pagado</i> : 0 <i>ter gastado</i> : 1 <i>ter limpo</i> : 1 <i>ter ganhado</i> : 7	<i>ter pago</i> : 1033 <i>ter gasto</i> : 477 <i>ter limpo</i> : 24 <i>ter ganho</i> : 2739
verbos cujo participípio regular mostra indícios de cair em desuso, mas ainda ocorre com alguma frequência ⇒ forte desafio à norma conservadora <i>ter</i> + PP _{REGULAR}	ENTREGAR	<i>ter entregue</i> : 43 (6 %)	<i>ter entregue</i> : 639 (94 %)
	SALVAR	<i>ter salvo</i> : 14 (8 %)	<i>ter salvo</i> : 158 (92 %)
	MATAR	<i>ter matado</i> : 102 (11 %)	<i>ter morto</i> : 819 (89 %)
	ELEGER	<i>ter elegido</i> : 30 (20 %)	<i>ter eleito</i> : 117 (80 %)
	ACEITAR	<i>ter aceitado</i> : 340 (25 %)	<i>ter aceite</i> : 1015 (75 %)
verbos cujo participípio irregular ocorre no contexto em causa, mas com relativa raridade ⇒ supremacia da norma conservadora: <i>ter</i> + PP _{REGULAR} ⇒ sequência <i>ter</i> + PP _{IRREGULAR} tende a ser sentida como desvio – cf. (19a-b)	EXPRESSAR	<i>ter expressado</i> : 76 (72 %)	<i>ter expresso</i> : 30 (28%)
	EXTINGUIR	<i>ter extinguido</i> : 29 (74 %)	<i>ter extinto</i> : 10 (26 %)
	SUSPENDER	<i>ter suspenso</i> : 138 (78%)	<i>ter suspenso</i> : 40 (22%)
	PRENDER	<i>ter prendido</i> : 60 (80 %)	<i>ter preso</i> : 15 (20 %) (do tipo relevante)
	DISPERSAR	<i>ter dispersado</i> : 18 (82 %)	<i>ter disperso</i> : 4 (18 %)
	SOLTAR	<i>ter soltado</i> : 27 (90 %)	<i>ter solto</i> : 3 (10 %)
verbos cujo participípio irregular não se usa ou é bastante rara ⇒ sequência <i>ter</i> + PP _{IRREGULAR} sentida como desvio – cf. (19c-d)	ENVOLVER	<i>ter envolvido</i> : 371	<i>ter envolto</i> : 3
	ACENDER	<i>ter acendido</i> : 21	<i>ter aceso</i> : 1 (do tipo relevante)
	DESPERTAR	<i>ter despertado</i> : 174	<i>ter desperto</i> : 1
	OCULTAR	<i>ter ocultado</i> : 64	<i>ter oculto</i> : 0
	MANIFESTAR	<i>ter manifestado</i> : 1547	<i>ter manifesto</i> : 0 (do tipo relevante)

Quadro 2. Distribuição de participípios regulares e irregulares
(de verbos de participípio duplo) no contexto *ter* + PP no *corpus* CETEMPúblico

necessariamente a tipologias não binárias, que os instrumentos de normalização linguística deveriam integrar.

Exploreemos apenas o caso da combinação com *ter*. O quadro 2, baseado nas ocorrências de participípios regulares e irregulares de verbos de participípio duplo no *corpus* CETEMPúblico, evidencia a existência de vários subgrupos de verbos⁸.

- (18) “No fim, fica a sensação que o Governo tem gastado muito do seu tempo a conversar (...).” (CETEMPúblico, Ext 8142 (opi, 97a))
- (19) a. “Outra razão da importância de Lacan: embora o seu ensino se tenha disperso por múltiplas escolas (...), o aspecto mais interessante é que se verificou uma espécie de «lacanização» geral da psicanálise (...).” (CETEMPúblico, Ext 1343625 (nd, 91b))
- b. “Na noite de sexta-feira, já a LPN tinha solto na área da Ribeira de Divor duas outras aves de rapina igualmente tratadas no Centro de Recuperação da Ria Formosa.” (CETEMPúblico, Ext 1486694 (soc, 94a))
- c. “O acompanhamento é difícil, como se alguém tivesse envolto as colunas com um cobertor.” (CETEMPúblico, Ext 4009 (clt, 94b))
- d. “Sem saberem como ou porquê, as versões que ali circulavam atribuíam o acto à malvadez de um desconhecido que (...) tinha aceso o isqueiro e ateado fogo às flores (...).” (CETEMPúblico, Ext 308746 (soc, 97a))

3. Trocas entre parónimos e palavras homófonas: impropriedade lexical e/ou erros de ortografia

A terceira área problemática seleccionada envolve aspectos léxico-semânticos, fónicos e gráficos.

Tem sido uma preocupação geral dos instrumentos de normalização linguística a questão das trocas lexicais entre palavras de forma fónica similar (parónimas) ou idêntica (homófonas)⁹, gerando impropriedades ou simples erros de ortografia (que não são aliás detectados por correctores ortográficos simples). Vejam-se alguns exemplos, documentados no *corpus* CETEMPúblico:

- (20) a. “Mas os cinco países não consentiram que lhes fosse infringida uma derrota em toda a linha.” (CETEMPúblico, Ext 518399 (soc, 92a))

⁸ Apenas foram pesquisadas sequências em que qualquer variante flexional do verbo *ter* é imediatamente seguida da forma participial em causa (regular ou irregular). Salvo os casos em que se explicitou (no quadro) “do tipo relevante”, não foi feita uma triagem dos contextos para excluir possíveis casos irrelevantes (por se considerar que estes dificilmente ocorrerão ou serão em número insignificante).

⁹ Em certos casos, a fronteira entre homofonia e paronímia é imprecisa: certas palavras, que, num registo pausado, podem ser diferenciadas, tendem a ser pronunciadas de igual modo em registos mais rápidos (e.g. *fluorescente* / *florescente*, *eminente* / *iminente*).

- b. “O tráfico de drogas duras é o mais fluorescente dos negócios do bairro e, por isso, não é de estranhar que vendedores e consumidores de narcóticos se espalhem pelas ruas.” (CETEMPúblico, Ext 78275 (soc, 97b))
- c. “Enumera os pratos da terra, (...) como (...) os bilhões (buxo de cabra recheado de carne, chouriço, arroz e hortelã), os bolos de leite e as filhozes.” (CETEMPúblico, Ext 614494 (soc, 96b))

Muitos prouduários incluem listas destes parónimos e/ou palavras homófonas e os prouduários chamam muitas vezes a atenção para este tipo de relações entre palavras. Ainda assim, os desvios nesta área são persistentes, como se pode comprovar através de *corpora* de uso real da língua, como o CETEMPúblico. Importa acentuar que, os desvios não têm todos o mesmo impacto na comunicação: alguns são relativamente inconsequentes (como acontece nos três exemplos acima), mas muitos outros podem afectar significativamente a passagem de informação. É o que acontece, ou pode acontecer, se forem trocadas expressões como as de (21), como acontece com alguma frequência na imprensa, causando ruído na comunicação:

- (21) a. rectificar ↔ ratificar um tratado
- b. escritor muito prolixo ↔ prolífico
- c. intervenção intempestiva ↔ tempestuosa (ou brusca, ou impetuosa,...)
- d. ir de encontro a ↔ ao encontro de os desejos de alguém
- e. tráfico ↔ tráfego de bicicletas

No que respeita a exemplos deste tipo, parece haver algum consenso quanto à utilidade de uma norma conservadora, na medida em que esta permite preservar distinções de significado que de outro modo estariam comprometidas.

Um dos aspectos que aqui me interessa salientar é que os instrumentos de normalização linguística disponíveis (prouduários, guias, etc.) – pelo menos os que eu conheço – estão algo desactualizados, relativamente às questões de facto colocam problemas aos falantes. As listas são por vezes extensas, mas muito incompletas. Por um lado, há muitos casos que suscitam confusões frequentes e são ignorados nessas listas e, por outro lado, misturam-se frequentemente pares de expressões realmente problemáticas com outros que são desconhecidas da maioria dos falantes. Por exemplo, numa edição de 1992 (a 23^a) do conhecido *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa* de Bergström e Reis, a questão da paronímia e homofonia é ilustrada com pares de palavras de uso reduzidíssimo, como *estipulado vs. extipulado* e *assenso vs. acenso*; o guia recém-publicado Estrela *et al.* (2003), anunciado como “guia completo para usar correctamente a língua portuguesa”, apresenta também listas muito incompletas, a par de exemplos de limitada utilidade, como *paceiro vs. passeio*. Acresce que as listas geralmente apresentadas não têm exemplos contextualizados, nem informações sobre o uso que permitam captar o seu verdadeiro significado e/ou as possíveis implicações comunicacionais de um uso impróprio.

Analisando *corpora* do português contemporâneo, verifica-se rapidamente que há pares de palavras cuja troca é uma fonte constante de desvio. Parece claro que é sobre estas formas, de uso “impróprio” por vezes bastante difundido, que deveria incidir o trabalho didáctico / pedagógico (que é, assumidamente, objectivo das gramáticas tradicionais e dos guias da língua). Mais úteis que as listas genéricas dos prouduários, seriam, por exemplo, listas de pares especialmente problemáticos, com informação lexical sobre os vocábulos relevantes e ilustração de desvios. Seguem-se alguns exemplos ilustrativos de pares desse tipo, com trocas registados em textos de imprensa (exemplos do *corpus* CETEMPúblico):

- (22) a. [INVOCAR ↔ EVOCAR] “Num telefonema anónimo (...), um indivíduo comunicou a existência de uma bomba na linha sem, contudo, ter evocado qualquer razão para o facto (...)” (NP, par 1719)
- b. [EVOCAR ↔ INVOCAR] “as baladas [são agora] mais comprometidas e inspiradas, chegando mesmo a invocar aqui ou ali a secura do piano e da voz de John Cale (...)” (NP; par 50149)
- c. [INFLIGIR ↔ INFRINGIR] “Ivete Margarida morreu em casa da sua ama, uma mulher identificada pelo nome Ana Maria e que, de acordo com alguns vizinhos, teria por hábito infringir castigos físicos à criança.” (CETEMPúblico, Ext 248478 (eco, 92b))
- d. [TRÁFEGO ↔ TRÁFICO] “«Parecia que tinha voltado à tropa», dizia há dias um taxista, a guinar pelo tráfico lisboeta.” (NP, par 36561)
- e. [TRÁFICO ↔ TRÁFEGO] “Como corolário deste hipotético aumento, viria fatalmente o aumento de todos os males actualmente relacionados com o consumo e tráfego da droga.” (CETEMPúblico, Ext 341266 (soc, 93a))
- f. [ENCADEAR ↔ ENCADEAR] “A vítima foi Albertino Rodrigues Nunes (...), baleado (...) por um homem de 29 anos (...) que afirmou que (...) a vítima o terá encadeado quando ligou os máximos do veículo em que seguia.” (CETEMPúblico, Ext 823459 (soc, 92a))
- g. [RATIFICAR ↔ RECTIFICAR] “Na medida em que (...) os portugueses não tiveram ensejo, depois de um exame sério, de rectificar em acto solene o Tratado de Maastricht, assumindo, por assim dizer, «pessoalmente», como outros europeus as consequências, positivas ou negativas da sua escolha (...)” (CETEMPúblico, Ext 384163 (soc, 92b))
- h. [PERFILAR ↔ PERFILHAR] “Como adversário mais directo de Ieltsin, começa a perfilhar-se a figura do ex-primeiro-ministro soviético Nikolai Rijkov, que será provavelmente apoiado pelo Partido Comunista.” (CETEMPúblico, Ext 748894 (pol, 91a))
- i. [MUNGIR ↔ MUGIR] “As crianças conhecem a vida no campo, familiarizam-se com os animais, habitua-se a sentir os cheiros do feno cortado e seco, a saborear o leite acabado de mugir e os frutos colhidos directamente das árvores.” (CETEMPúblico, Ext 540170 (soc, 94a))

- j. [PROLÍFICO ↔ PROLIXO] “Aquele que pode considerar-se um dos compositores mais prolixos deste século e, sem sombra de dúvida, um dos mais originais, está de novo entre nós (...).” (NP, par 63175)
- l. [IMINENTE ↔ EMINENTE] “O Regimento Sapadores de Bombeiros entende que não existe perigo eminente de desabamento das instalações do Ateneu Comercial de Lisboa.” (NP, par 65404)
- m. [EMINENTE ↔ IMINENTE] “A reforma educativa (...) não passou, no primeiro momento, de um cliché político longínquo da realidade escolar sobre o qual se debruçavam as cabeças de algumas personalidades iminentes do universo académico.”
- n. [CANDENTE ↔ CADENTE] “Quanto ao afeitado, questão cadente, foi por todos reconhecido que é fraude que não aproveita, visto aviltar o toiro (...).” (CETEMPúblico, Ext 1481755 (soc, 95a))
- o. [AURA ↔ ÁUREA] “E Gusseinov, um milionário de 35 anos conhecido pelo cuidado que põe na sua aparência, viu nascer à sua volta uma áurea de salvador.” (CETEMPúblico, Ext 661187 (pol, 93b))
- p. [EFLUENTE ↔ AFLUENTE] “(...) a empresa Crizaves construiu no local de despejo dos afluentes industriais uma pequena represa que capta água para o funcionamento da linha de abate de frangos (...).” (CETEMPúblico, Ext 1362 (soc, 97b))
- q. [CORRETOR ↔ CORRECTOR] “Que o digam os correctores da Bolsa de Istambul que mesmo assim até que têm uma vida muito mais saltitante do que colegas de outras partes.” (CETEMPúblico, Ext 931320 (soc, 92b))
- r. [CAPTAR ↔ CAPTURAR] (cf. influência do inglês *capture*) “Depois de mais de trinta anos de cimeiras bilaterais que capturaram as atenções do mundo, Washington e Moscovo decidiram (...) mudar de tema.” (CETEMPúblico, Ext 27382 (pol, 93a))
- s. [AO ENCONTRO DE ↔ DE ENCONTRO A] “Arlindo Cunha passou pelo meio, dispôs-se depois a ouvir as queixas de um representante de uma empresa têxtil em crise e foi depois de encontro a mais de um milhar de agricultores que no interior do recinto discutiam a agricultura portuguesa.” (NP, par 54783)
- t. [CONTENTOR ↔ CONTENDOR] “(...) entre excepcionais medidas de segurança começaram a ser desembarcados enormes contendores, pesando 90 toneladas (...).” (NP, par 14039)
- u. [VENTRÍCULO ↔ VENTRÍLOQUO] “Seguirá até às aurículas e ventríloquos.” (CETEMPúblico, Ext 1189320 (soc, 93a))
- v. [CÍRCULO VICIOSO ↔ CICLO VICIOSO] “Ou seja, vendia títulos que não tinha, recebia o dinheiro e comprava depois os títulos em dívida, entrando num ciclo vicioso.” (CETEMPúblico, Ext 40041 (eco, 92a))

Convém notar que nesta área, o dinamismo da língua – que transforma inexoravelmente o desvio de ontem na norma de amanhã – se sente com especial força. A falta de uma acção efectiva dos instrumentos de normalização linguística permite uma consagração relativamente rápida dos “desvios” (alguns dos quais, como vimos, são perturbadores do sistema por envolverem diferenças relevantes de significado). A este propósito, é curioso comparar, por exemplo, a atitude de vários dicionários recentes perante expressões que no passado foram consideradas desvios. Os casos que se seguem ilustram três situações distintas:

- (23) avir-se ↔ haver-se
- (24) a. mungir ↔ mugir
b. quando muito ↔ quanto muito
- (25) círculo vicioso ↔ ciclo vicioso

O caso (23) ilustra uma troca lexical já não sentida como desvio, mas antes plenamente integrada no sistema. O reconhecimento de *haver-se* como sinónimo de *avir-se* nos quatro dicionários ACADEMIA, PORTO EDITORA, HOUAISS e AURÉLIO evidencia a evolução registada face a opiniões hiper-conservadoras como as de Mendes de Almeida no seguinte excerto: «Estes dois verbos pronominais [*avir-se*, *haver-se*], de largo uso, não podem (...) ser empregados indiferentemente como sinónimos; *Haver-se* significa portar-se, proceder, comportar-se (“Houve-se muito bem no exercício do seu cargo” (...)), ao passo que *avir-se* quer dizer arranjar-se, entender-se, acomodar-se (...). (...) “Aquele que sobre ti lançar vistas de amor ou de cobiça, comigo se avirá” (...).» (Mendes de Almeida 1998: 61). Os *corpora* são também esclarecedores quanto ao uso actual: no CETEMPúblico encontramos 19 formas infinitivas *haver-se*, com o sentido relevante, contra zero ocorrências do infinitivo *avir-se*.

Os exemplos de (24) integram – à direita das setas – formas condenadas na generalidade dos guias da língua, prontuários e afins e não dicionarizadas tradicionalmente, mas que alguns dicionários consagram – nomeadamente, o dicionário ACADEMIA, numa atitude inovadora e porventura polémica (que, aliás, estende a muitas outras expressões). Trata-se de *mugir* como sinónimo de *mungir* (= *ordenhar*) e da locução *quanto muito* como sinónima de *quando muito*. Os dados do *corpus* CETEMPúblico apontam para uma ocorrência destes “desvios” de cerca de 20 %: 11 *mungir* vs. 3 *mugir* (= *ordenhar*) [21 %]; 738 *quando muito* vs. 184 *quanto muito* [20 %].

Por fim, (25) ilustra uma situação semelhante a (24), quer do ponto de vista do uso quer do ponto de vista do não reconhecimento geral em dicionários e prontuários. A diferença é que a forma *ciclo vicioso* – apesar de ter uma taxa de ocorrência próxima dos 30 % – não é registada no dicionário ACADEMIA (ao contrário do que este dicionário faz noutros casos comparáveis). Os dados do CETEMPúblico são: 280 *círculo vicioso* vs. 114 *ciclo vicioso* [29 %]. Obviamente, estas discrepâncias de tratamento

colocam mais uma vez a questão do carácter discutível da norma e da fiabilidade dos instrumentos de normalização disponíveis para o português.

4. Breve conclusão

Os dados linguísticos discutidos nesta apresentação permitem-nos tirar duas breves conclusões. Em primeiro lugar, impõe-se uma visão não maniqueísta da norma (relativamente às formas e estruturas em competição), com o reconhecimento de zonas de variação livre ou estilística nos casos em que o uso generalizado pela comunidade de suporte assim o determine. Esta visão é compatível com uma possível hierarquização de preferências, a integrar nos dicionários (cf. uso da etiqueta *forma não preferencial* em HOUAISS) e gramáticas – e.g. “forma que tende a desaparecer”, “forma nova cujo uso já se difundiu, ou evidencia forte tendência para se impor”, “forma de uso pouco frequente e difícil normalização”. Todos os aspectos devem ser equacionados, em prol de uma escolha informada do falante, nos casos de dúvida.

Em segundo lugar, verifica-se uma necessidade urgente de revisão dos instrumentos de normalização linguística (incluindo, com especial destaque, pela sua ampla difusão, as gramáticas escolares e os prontuários de grande divulgação). A revisão em causa deve ter em conta o uso actual da língua pela comunidade de suporte (idealmente com o apoio de *corpora*) e não uma visão idealizada da língua, por vezes distante da realidade. Em alguns casos, haverá necessidade de romper com um certo conservadorismo, injustificado, dos instrumentos em causa.

Referências bibliográficas

I. Dicionários

- [ACADEMIA] *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Editorial Verbo, Lisboa, 2001.
- [AURÉLIO] FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda: 1975, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2ª ed. rev. e aum., Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.
- [HOUAISS] *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2001.
- [PORTO EDITORA] *Dicionário da Língua Portuguesa 2004*, Dicionários Editora, Porto Editora, Porto, 2003.
- Dicionário de Verbos Portugueses*, Dicionários Editora, Porto Editora, Porto, 1999.

II. Corpora

- [CETEMPúblico] *Corpus CETEMPúblico 1.7 anotado 2.0*, disponível em http://www.linguateca.pt/cetempublico/acesso_CP_annotado.html

[NP] *Corpus Natura-Público* anotado v. 3.3, disponível em <http://acdc.linguateca.pt/acesso/>

III. Outras obras

ALMEIDA, Napoleão Mendes de: 1998, *Dicionário de Questões Vernáculas*, Editora Ática, São Paulo, 4.^a ed., 2.^a reimp., 2001.

BECHARA, Evanildo: 1999, *Moderna Gramática Portuguesa*, Editora Lucerna, Rio de Janeiro, 37.^a ed. revista e ampliada (12.^a reimp., 2002).

BERGSTRÖM, Magnus e Neves Reis: 1992, *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa*, Editorial Notícias, Lisboa, 23.^a ed.

PIRES de Castro, José Joaquim: s/d, *Lições Práticas de Português. Curso Completo da Língua Pátria [Edição Especial Patrocinada pela Direcção Geral da Educação Permanente]*, 12.^a edição, Empresa Nacional de Publicidade.

CUNHA, Celso e Luís F. Lindley Cintra: 1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, Lisboa.

ESTRELA, Edite e J. David Pinto-Correia: 1994, *Guia Essencial da Língua Portuguesa para a Comunicação Social*, Editorial Notícias, Lisboa, 5.^a ed., 2001.

ESTRELA, Edite, Maria Almira Soares e Maria José Leitão: 2003, *Saber Escrever. Saber Falar. Um Guia Completo para Usar Correctamente a Língua Portuguesa*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

Livro de Estilo do Público, edição de Fevereiro de 1998, disponível em http://www.publico.pt/nos/livro_estilo/index.html

PERES, João Andrade: 1996, “Convenções e Desvios na Língua Portuguesa”, in *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, **16**, pp. 9-16.